

CANGAÇO É FONTE INESGOTÁVEL DE HISTÓRIAS

José Rezende

Da equipe do Correio

Cabeças vão rolar outra vez. Depois do cearense Rosenberg Cariry, diretor de *Corisco e Dadá*, e dos pernambucanos Paulo Caldas e Lírio Ferreira, de *Baile Perfumado*, o paulista Aníbal Massaini afia a peixeira para o lançamento de *O Cangaceiro*, previsto para o ano que vem, na quarta-feira de cinzas.

Rodado quase ao mesmo tempo que os outros dois exemplares do gênero, o longa de Massaini é uma refilmagem do clássico *O Cangaceiro*, dirigido por Lima Barreto em 1953, que deu origem ao primeiro ciclo do cangaço no cinema.

O Cangaceiro de Massaini conta a história de um "triângulo de quatro vértices". Galdino (Paulo Gorgulho), líder dos cangaceiros, é casado com Maria (Luiza Thomé), que ama o cangaceiro Teodoro (Alexandre Paternost), que, por sua vez, se apaixona por Olívia (Ingra Liberato), a filha de um político sequestrada pelo bando.

Como pano de fundo dos conflitos amorosos, a guerra do cangaço contra as volantes do governo.

As filmagens de Pernambuco, consumiram 12 semanas de trabalho, entre o final de

1995 e o início deste ano. *O Cangaceiro* custou R\$ 2,7 milhões, contra os R\$ 600 mil de *Corisco e Dadá* e os R\$ 750 mil de *Baile Perfumado*. Os três foram parcialmente produzidos com recursos do prêmio Resgate, dinheiro da extinta Embrafilme, liberado no governo Itamar Franco, que ajudou a deslançar a recente produção cinematográfica brasileira.

Entre os concorrentes ao prêmio Resgate, havia vários outros filmes de cangaceiro, que não foram aprovados, como *Carcará*, de Ícaro Martins, e *O Cangaceiro e os Samurais*, dos irmãos Santos Pereira.

"O cangaço é uma fonte inesgotável de histórias", afirma Lírio Ferreira, de *Baile Perfumado*.

"Trata-se de um gênero cinematográfico por natureza, pelo que tem de belo, místico, pictórico e antropológico", completa Lírio.

Para Cariry, de *Corisco e Dadá*, "o cangaço está para o Brasil como o *western* para os Estados Unidos e os filmes de samurai para o Japão".

Cariry observa que nesse *revival*, o cangaço rendeu três filmes completamente diferentes. *Corisco e Dadá* ressalta o lado místico, em tom de tragédia grega. *Baile Perfumado* fala do embate entre o cangaço e a modernidade, pela lente

Divulgação



Baile Perfumado, longa de estréia dos pernambucanos Paulo Caldas e Lírio Ferreira, venceu o Festival de Brasília

do cineasta libanês Benjamim Abrahão, que, em 1936, conseguiu filmar as únicas imagens de Lampião e seu bando.

Já *O Cangaceiro* é um filme de aventura, sem maiores preocupações ideológicas, com muita ação e violência.

"Procurei ser fiel ao original de Lima Barreto", afirma Massaini.

Sucesso de público e crítica, o original de Lima Barreto venceu a

categoria Aventura do Festival de Cannes, em 1953, e foi o grande vencedor em Berlim e Mar del Plata. Ficou seis meses em cartaz em Paris e foi visto por dezenas de milhões de pessoas em 80 países.

Depois dele, até o final dos anos 60, vieram, entre outros, *A Morte Comanda o Cangaco*, *Lampião*, *O Rei do Cangaco* e *Corisco*, *O Diabo Louro*, todos de Carlos Coimbra, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, de Glauber Rocha, *O Cabeleira*, de Milton Amaral, e *Maria Bonita*, *Rainha do Cangaco*, de Miguel Borges.

Massaini, inclusive, estreou como produtor em *Corisco*, *O Diabo Louro*, de 1969. Por coincidência, o argumento contou com a colaboração de Dadá, viúva de Corisco, que 27 anos seria novamente personagem, no filme de Cariry.

Segundo Massaini, os filmes de cangaceiro têm uma característica básica, que os diferencia dos faroestes americanos.

"No cangaço não tem mocinho e bandido. O cangaceiro, a volante e o coronel são todos vilões".

Perdido no fogo cruzado dos bandidos, costuma estar o sertanejo. A arte imita a vida.